

Revista Gepesvida

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Número 19. Volume 8. 2022. ISBN: 2447-3545.



EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA FRENTE À COLONIZAÇÃO DO SER, SABER E PODER

Adriana Aparecida de Almeida Marcolin¹

Antonio Paulo Valim Vega²

Geraldo Antônio da Rosa³

Resumo: Neste artigo, propõe-se uma reflexão sobre o pensamento pedagógico latino-americano em torno da crise nas humanidades, sua repercussão no ensino e formação, com vistas a uma educação emancipatória frente à colonização do ser, do saber e do poder. O contexto, em princípio, diz respeito às aulas remotas, obrigatórias por efeito da covid-19, tomando como base os desafios que a pandemia impôs a professores e estudantes, somados à angústia, medo e frustração, sentimentos agravados pela crise sanitária, humana e socioambiental na contemporaneidade. Com base em fontes e em referências bibliográficas, neste ensaio teórico, situam-se fragilidades educacionais, a partir de um contexto que ainda se sintoniza ao pensamento colonial. Ainda, sob essa perspectiva, sinalizam-se não só possibilidades para uma educação emancipatória, como também pressupostos para a construção de uma cidadania solidária, em especial, do ponto de vista socioambiental.

Palavras-chave: Educação. Colonialidade. Decolonialidade.

Resumen: En este artículo proponemos una reflexión sobre el pensamiento pedagógico latinoamericano en torno a la crisis de las humanidades, su impacto en la enseñanza y la formación, con miras a una educación emancipadora frente a la colonización del ser, el saber y el poder. El contexto, en principio, se refiere a las clases a distancia, obligatorias a raíz del Covid-19, a partir de los desafíos que la pandemia ha impuesto a docentes y estudiantes, sumado a la angustia, el miedo y la frustración, sentimientos agravados por las condiciones sanitarias, humanas y socioambiental en la contemporaneidad. Con base en fuentes y

¹ Doutoranda em Educação no PPGEdu/UCS. Mestra em Educação no PPGEdu/UCS. Licenciada em Pedagogia (UCS). Professora na Rede Municipal de Educação de Vacaria/RS e na Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Sul. E-mail: adrianamarcolin@gmail.com.

² Graduado em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialização em Formação para a EAD pela Universidade de Caxias do Sul, Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Franciscana (UFN) Santa Maria/RS. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS/RS). E-mail: apvvega@ucs.br.

³ Mestrado Em Educação pela Universidade Extremos Sul Catarinense, possui Doutorado pela Escola Superior de Teologia e Pós-Doutorado pela Universidade Carlos III – GETAFE – Comunidade de Madri, UC3, Espanha. Atualmente é professor do Programa de pós-graduação em Educação e Filosofia da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: garosa06@ucs.br.

Revista Gepesvida

referencias bibliográficas, en este ensayo teórico se ubican las debilidades educativas, considerando un contexto que aún sigue en sintonía con el pensamiento colonial. Aún así, en esta misma bandera de ideas, no sólo se señalan posibilidades para una educación emancipatoria, sino también presupuestos para la construcción de una ciudadanía solidaria, especialmente desde el punto de vista socioambiental.

Palabras clave: Educación. Colonialidad. Decolonialidad.

INTRODUÇÃO

Ao longo deste ano de 2022, as aulas felizmente retornaram à modalidade presencial, após dois longos anos de pandemia da covid-19, cuja experiência impôs desafios a professores e estudantes devido ao isolamento e reorganização das relações sociais. As práticas para continuidade às aulas, que ocorreram de modo remoto durante a pandemia, precisaram ser especialmente criativas; por outro lado, a angústia e a frustração acompanharam aqueles que não tinham recursos necessários, como *smartphones*, *tablets*, computadores e acesso à *internet*. Esses fatores fizeram com que a experiência de aula, durante esse período, se transformasse em um fenômeno de reflexão e que, certamente, ainda surpreenderá com consequências resultantes desta drástica experiência, em especial, pelos desafios que as aulas remotas impuseram.

A pandemia, pelo efeito desastroso que representou na vida de todos, promoveu questionamentos sobre as dificuldades geradas, principalmente sobre as questões sanitárias e ambientais. Quanto à crise ambiental e à globalização da economia, são fatores que desencadearam outras tantas crises que não se manifestam apenas na degradação da sustentabilidade ecológica, mas também impactam questões sociais, como saúde, educação, valores, entre outros, trazendo consequências a todo o sistema social, político, econômico e cultural do mundo.

Assim, o efeito da crise se manifesta em níveis micro e macrossociais, influenciando, sobretudo, as relações humanas em distintas esferas. Os problemas relacionados à questão ambiental não apresentam somente o desejo de que os processos produtivos se tornem sustentáveis, isto é, não é apenas uma questão de reciclar, de não poluir ou de preservar. É preciso voltar a nossa atenção para a possibilidade de elevar nossa consciência quanto à preservação da natureza, do nosso *habitat* e do respeito aos outros seres vivos.

Revista Gepesvida

Considerando esse preocupante contexto que a pandemia gerou, plenamente associado à crise ambiental, sanitária e humana, essas questões são fato na contemporaneidade. Com base nesse contexto, este estudo busca refletir sobre o pensamento pedagógico latino-americano em torno da crise nas humanidades e sua repercussão no ensino e na formação, com vistas a uma educação emancipatória do ser, do saber e do poder. A fim de atingir esse objetivo, neste estudo, em forma de ensaio teórico, buscamos, em fontes primárias e outras referências bibliográficas, situar as fragilidades educacionais, tendo em vista um contexto que ainda vibra na direção do pensamento colonizado.

Iniciamos, então, dissertando sobre a (des)colonialidade, conceito que permeia esta pesquisa.

ENTENDENDO A (DES)COLONIALIDADE

A colonização é o resultado do encontro violento entre duas civilizações, a resposta da América Latina a problemas comuns define a descolonialidade [...]. A tensão dialética entre colonialidade e as resistências a sua imposição – por isso (des)colonialidade -; um caminho [...] na superação das intencionalidades colonizadoras das epistemologias tradicionais (STRECK, MORETTI, ADAMS, 2019, p. 20 - 21).

A epígrafe deste capítulo ajuda a situar, de forma muito pertinente, o tema em que inserimos o debate deste ensaio, em sintonia com a obra de *Direito e barbárie no mundo moderno*, de Brito (2013), ao fazer referência ao colonialismo, não ao do passado longínquo, mas da nossa realidade contemporânea. Segundo Oliveira (2013), no prefácio da referida obra, o colonialismo hoje se aproxima da dinâmica do conjunto de relações sociais e de poder, práticas, discursos, procedimentos, posturas, leis, saberes, rotinas administrativas, entre outras, as quais marcam a relação do Estado com a sociedade, já que aquele desconhece ou ignora a dignidade inerente ao ser humano. Portanto, sugerimos uma postura decolonial, o que significa um desafio enorme para um projeto de educação civilizatório.

Dessa forma, os discursos que encaminham o entendimento da perspectiva decolonial encontram sentido na libertação, emancipação do outro, tanto no aspecto do ser quanto no do poder e do saber (BRITO, 2013, p. 142). Dentre os discursos sob esse

Revista Gepesvida

viés, temos a filosofia da libertação, que é um paradigma que ampara os movimentos latino-americanos atuais, com uma pauta de subsistência, de direito à vida e dignidade humana, em oposição à racionalidade instrumental, marcada por ações mercantis devastadoras da natureza, as quais representam a luta em relação à colonialidade opressora, bárbara, demarcada historicamente.

Ainda na obra *Direito e barbárie no mundo moderno*, de Brito (2013), o autor promove, entre muitas outras questões, reflexões em torno do processo educacional, em que são pensadas as práticas dos sujeitos colonizados, dos “outros”, no contexto de lutas e movimentos legítimos. Esses movimentos acumulam-se em pautas diversas, quase sempre conflitivas, o que não fortalece e nem possibilita o reconhecimento do conjunto de problemas demandados. Dessa forma, abrem espaço para o poder elitista e as formas tradicionais de fazer política e contestam a legitimidade das lutas e movimentos populares, um processo que não contribui para o fortalecimento, politização, reconhecimento e consciência dos sujeitos e suas reivindicações.

Por isso, a construção de um processo de participação e de implementação de competências emancipatórias reconhecidas não se encontra em fórmulas mágicas, mas pode ser desenvolvida por meio da educação, em que o reconhecimento da diversidade cultural e o reconhecimento do direito à dignidade humana, à educação, à saúde, entre outros, não se encontram em extratos identitários, situados em gênero, raça ou etnia, mas como figurantes ao direito à vida. Então como seria pensar essa educação?

POR UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA, HARMONIOSA E PLANETÁRIA

Na esteira do processo pandêmico/pós-pandêmico, percebemos uma série de fragilidades no processo educativo. A realidade vivenciada nesse contexto evidencia, dentre as fragilidades, o ensino afastado de uma consciência ambiental e civilizatória e abdicado de desenvolver, nas pessoas e sociedade, o compromisso com a formação cidadã para a democracia e para a transparência.

Nesses termos, percebe-se a necessidade de alcançar uma prática educativa que preconize o ensino em prol de valores e competências com base na autonomia, compaixão, sensibilidade, com vistas à resolução de questões sobre a crise ambiental.

Revista Gepesvida

Percebemos que há uma coerência entre os discursos ambientalistas e o ensino que almejamos para a construção de uma cidadania participativa, de consciência socioambiental e emancipatória, fatores importantes na democracia, mas que transcendem os direitos em que a política se ampara, como liberdade, igualdade e participação em decisões (BECKER; ALVES, 2021). Nessa perspectiva, Leis (1995, p. 35) adverte que:

Uma sociedade planetária ecologicamente orientada supõe um mundo melhor, definido não apenas a partir de uma (efêmera) transformação instrumental da realidade (seja de tipo neoliberal ou neossocialista), mas também de uma transformação da subjetividade (intersubjetividade) da humanidade.

Frente à consciência e comportamento em torno da cultura eurocêntrica, que nega a identidade e os valores latino-americanos, é necessário desenvolver novos currículos nos diferentes níveis de ensino como forma de criar sistemas educacionais mais avançados frente às crises, visto que o modelo assentado no tripé *ser, saber e poder* não apenas desvirtua a realidade tal como se apresenta, bem como limita a criação de espaços para novos entendimentos e compreensão das reais necessidades dos povos latino-americanos.

Cabe dizer que, nesse espaço, surgem os estudos decoloniais em oposição a diferentes realidades que preservam atitudes e comportamentos arraigados à cultura colonizadora. O espaço em que se inserem os estudos decoloniais considera que existe, na construção sócio-histórica e cultural, vozes provenientes de narrativas, por longa data, ignoradas e silenciadas. A voz silenciada perpetuou-se e, ainda hoje, ecoa em forma de baixa autoestima e de não reconhecimento do próprio valor, frutos deformados de séculos de opressão, visão que necessita ser contestada, questionada e reflexionada à luz da atualidade, especialmente em relação às demandas e práticas da educação.

Concernente a isso, Pavan e Tedeschi (2021, p. 256) afirmam que:

Ao procurar impor um modo único de conhecer, ser, viver e poder, a colonialidade torna-se central no processo de apropriação dos recursos materiais e simbólicos. Ela é a estratégia central do capitalismo, um instrumento de controle das relações sociais, pois se pauta na validação de um único modo de conhecer (o ocidental/moderno).

Por sua vez, Couto e Jovino (2022) alegam que a visão eurocêntrica, imposta por meio do processo de colonização, ainda vigente na colonialidade, proporcionou outras

Revista Gepesvida

formas de ser na educação, sobretudo a existência de mecanismos de silenciamento, apagamento e estereotipização cultural. Com efeito, a colonialidade do saber subjuga o conhecimento a partir das relações de poder, reverberados numa trama de dominação, em que “o outro” é silenciado. Há, com isso, uma visão que “perpassa e, por vezes, limita, oprime, apaga quem podemos ser, como podemos pensar e agir, ou seja, nossos movimentos de viver e existir [...]” (COUTO; JOVINO 2022, p. 78).

Consequentemente, formas de ser são excluídas ou estereotipadas por uma colonialidade que impõe a visão eurocentrada de mundo. Podemos dizer, ainda, que os processos de colonização constituem-se e caracterizam-se não somente pela exploração não refletida sobre a natureza, mas também pela massificação cultural e negação das identidades (FERREIRA; MACHADO, 2022), pois estas, em geral, estão carregadas de dogmas e verdades construídos sobre os povos latino-americanos, isto é, “nós e não por nós”, como afirmam os referidos autores.

No que diz respeito à decolonialidade, Vega e Rosa (2021) afirmam que o pensamento decolonial vai ao encontro da consciência social e humana e da valorização de ser quem somos, em níveis individuais e coletivos. Nesse entendimento, a postura de quem permite a opressão alheia ou de si próprio é a mesma de quem compactua com a devastação ambiental, de quem ignora os limites de sustentabilidade do planeta, os potenciais de regeneração e do poder de recomposição, contidos na gênese dos processos ecológicos e naturais que se esgotam a olhos vistos.

Essa questão nos leva imediatamente à centralidade da América Latina, situados nas reflexões de STRECK, MORETTI e ADAMS (2019), por afirmarem que esta, ao longo da sua formação tornou-se importante lugar de produção pedagógica, e na atualidade, passa por um processo de invisibilização. Os autores citam a obra de Paulo Freire e sua história, como um marco recente: “Freire não apresenta apenas uma crítica ao colonialismo e suas consequências em termos de dependência estrutural, mas ele procura desvendar os meandros da desumanização engendrados pela opressão [...]” (p. 15).

Nesse sentido, fortalecemo-nos nas ideias de Muraca e Lima (2022, p. 143), os quais dizem que o espaço da sala de aula contribui para “a reflexão e a ação humana no mundo, o que possibilita uma *pedagogia social*, estando junto das questões político-

Revista Gepesvida

sociais e com possibilidade de interferir nos rumos da sociedade”. Assim, percebemos possibilidades para que a educação promova o giro decolonial, levando os alunos a olharem em outras direções, para outras escutas, em diferentes espaços e, principalmente, experimentarem diferentes lugares de fala, como forma de viverem o que não foi experimentado, o que não foi vivido pelas gerações antecessoras, reacendendo as falas e as vidas silenciadas e sufocadas pela colonialidade.

Interessa-nos, ainda, problematizar o conceito de *modernidade*, uma vez que, com a colonialidade, ambas formam duas faces de uma mesma moeda, sendo que esta também surge como fruto do processo de colonização, em que o colonizador dependia de um “outro”, o seu contrário, “o atraso” (FERREIRA; MACHADO, 2022, p. 71). Essa modernidade é propagandeada e naturalizada com a concepção de um modo de viver em que o “ter” se sobrepõe ao “ser”, tomando a assertiva como fórmula única de satisfação, assim, tem-se que uma vida feliz está associada à posse de bens materiais. Essa é a projeção mais enganosa e perversa que o mundo contemporâneo, engendra nas mentes e nas formas de vida da sociedade, pois grande parte não possui nem o básico para viver com dignidade.

Nesse caso, o desafio para superar as desigualdades e discriminações tem sido motivo para debater temáticas como o currículo, a didática, a formação docente, a cultura escolar, entre outras questões acerca da organização escolar. É por isso que, além do movimento teórico-prático dos intelectuais da modernidade/colonialidade, movimentos sociais têm participado das discussões que preconizam superar as formulações eurocêntricas.

Sob esse viés, Walsh *et al.* (2018, p. 6) afirmam que:

O campo da educação no Brasil vem, nos últimos anos, sendo chamado a rediscutir uma série de questões temáticas clássicas como currículo, didática, formação docente, cultura escolar etc, em função de novas demandas implicadas com o desafio de superar desigualdades e discriminações raciais, de gênero, sexualidade, religiosas, entre outras, assim como reconhecer e valorizar as diferenças, assumindo as tensões entre igualdade e diferença, políticas de redistribuição e de reconhecimento.

Nesse sentido, salientamos que matricular todos os alunos na escola, homogeneizando, padronizando espaços, materiais, conhecimentos e/ou culturas não é uma forma de valorização das diferenças e, tampouco, pode ser considerada uma escola

Revista Gepesvida

inclusiva. Precisamos construir um projeto educacional em defesa do direito à educação, considerando as diferenças. Nesse cenário, compete-nos problematizar como podemos avançar frente a um contexto de educação que se pauta no eurocentrismo, numa visão idealista universalizante de ser humano, bem como numa lógica de ciência e de tecnologia, assentadas na racionalidade instrumental. Temos que, por horizonte, dar voz a todos os atores sociais, sendo necessário enxergar o outro em suas necessidades e não apenas valorizar a atenção às aspirações de grupos hegemônicos.

Em virtude disso, é necessário trilharmos os caminhos da decolonização “do ser, saber e poder”, para que a escola se constitua num espaço emancipador, considerando que “os conhecimentos e os modos de ser e viver são todos particulares, pertencentes a um determinado grupo. [...] cabe pensar em relações horizontais, particulares e complementares” (PAVAN; TEDESCHI, 2021, p. 257). Prosseguindo nessa linha de pensamento, Torquato e Kondo (2020, p. 69) afirmam que “as pedagogias decoloniais valorizam a educação comunitária, orquestrada por membros da própria comunidade cujo objetivo é a emancipação social e política do jugo da educação colonizada”, já que as pedagogias decoloniais desconstruem colonialismos e opressões nas mais variadas manifestações.

Em síntese, evidenciamos a defesa por uma educação emancipatória frente à colonização do ser, saber e poder, libertando-nos de uma cultura imposta por grupos hegemônicos para moldar o ser e o saber dos povos latino-americanos. Seria como reconhecer e aceitar o desafio de reconstruir nossas raízes, assumindo o *status* de protagonistas nessa teia de relações em que, comumente, somos coadjuvantes, ocupando postos em que o grito de liberdade é abafado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo em curso, fomos analisando a engenhosidade maquiavélica da modernidade/colonialidade, à medida que se apresentavam as crises sanitária, educacional, humana, ambiental, entre outras, em que se infiltram as estratégias que promovem apenas o crescimento e desenvolvimento da racionalidade tecno-instrumental, articulada ao capitalismo, por isso mesmo descompromissada de uma proposta de

Revista Gepesvida

educação emancipatória, cultural e socioambiental.

A argumentação, a partir da bibliografia aqui citada, evidencia que os fundamentos e pressupostos de uma educação decolonial precisam ser claros a todos. Reconhecer os obstáculos e pensar formas de ensino e de currículo, além de desmistificar a hierarquia e a superioridade de conhecimento, raça, etnia e gênero sobre o outro representam possibilidades para construir currículos de ensino de relevância decolonial. Para tanto, é preciso promover a construção de melhores espaços e condições de vida a todos, a partir de uma educação que não apenas identifique os obstáculos e retrocessos impeditivos do avanço e desenvolvimento humano, mas também e efetivamente ajude na luta pela libertação da visão universalista, que pretende tornar hegemônica a visão de um pequeno grupo.

Sem dúvida, a educação decolonial oferece condições para um entendimento à emancipação social e política, visando à formação de uma cidadania consciente e solidária, pois, tendo clara essa evidência, torna-se mais fácil a compreensão de si, do outro e do ser humano em sua totalidade, assim como das inter-relações e da cooperação que implica a vida planetária. O que desejamos é que as escolas desenvolvam um currículo não instrumental, de diálogo permanente, de pensamento subjetivo e intersubjetivo; instiguem o questionamento crítico-reflexivo; produzam conhecimento com sentido; e oportunizem formas de aprender a ser, viver e conviver.

Assim, com base em pressupostos de solidariedade, empatia e compaixão, possam interagir com as diferentes lógicas sociais. Uma educação que ajude as pessoas a avançarem em sentido epistemológico, de *saber* em relação à vida e à forma como queremos *ser*, justos e capazes de colaborar para a paz, a harmonia e o bem viver, numa perspectiva de sustentabilidade multidimensional, convivendo com todos, pelo bem das gerações futuras. Dessa forma, reafirmamos os valores de um currículo e de uma pedagogia decolonial e emancipatória do ser, saber e poder, como alternativa para um giro decolonial, onde as vozes, vivências, culturas e necessidades latino-americanas possam reverberar na recriação da diversidade cultural e pedagógica dos povos como elementos constitutivos de uma formação efetivamente humana e cidadã.

Revista Gepesvida

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Diego José Alves. Vozes do Sul. *In*: MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva; SOUSA, Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo de (org.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 393-400.

ALMEIDA, Fabio Sampaio de. **Epistemicídio**. *In*: ALMEIDA, Fabio Sampaio de. (org.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 163-168.

BRITO, Antonio José Guimarães. **Direito e barbárie no mundo moderno**: a questão do Outro na civilização. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2013.

COUTO, Ligia Paula; JOVINO, Ione da Silva. Colonialidade do ser. *In*: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris (orgs.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 77-82.

FERREIRA, Dina Maria Martins; MACHADO, Lucineudo Irineu. Colonialidade do Saber. *In*: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris (orgs.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 67-76.

LANDULFO, Cristiane. Currículo e Decolonialidade. *In*: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris (orgs.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 95-102.

LEIS, Héctor. Ambientalismo: um projeto realista-utópico para a política mundial. *In*: VIOLA, Eduardo *et. al.* **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania**: desafios para as ciências sociais. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. São Paulo: Cortez, 1995.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez, RAMALHO, Bárbara Bruna Moreira; CARVALHO, Paulo Felipe Lopes. **A Educação como prática de liberdade**: uma perspectiva decolonial sobre a escola. Educação em Revista [online]. 2019, v. 35. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698214079>. Acesso em: 24 jul. 2022.

MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva. Olhares Outros. *In*: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris (orgs.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 283-290

MURACA, Mariateresa; LIMA, Adriane. Educação e movimentos sociais. *In*: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris (orgs.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 135-144

OLIVEIRA, J. E. Descolonizar é preciso. Prefácio. *In*: BRITO, Antonio José

Revista Gepesvida

Guimaraes. **Direito e barbárie no mundo moderno**: a questão do Outro na civilização. Dourados, MS: UFGD, 2013.

PAVAN, Ruth; TEDESCHI, Sirley Lizott. Currículo e (de)colonialidade: a potência decolonial em escolas com baixo IDEB. **Sér. Estud.**, Campo Grande, v. 26, n. 57, p. 253-266, May 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231819822021000200253&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 jul. 2022.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares; LACERDA, Lorena; COELHO, Cristiane. Escola Decolonial. In: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris (orgs.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 153-162.

ROSA, Acassia dos Anjos Santos. Áreas culturais latino-americanas. In: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris (orgs.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 25-32.

STRECK, Danilo; MORETTI, Cheron Zanini; ADAMS, Telmo. **Fontes da pedagogia latino-americana**: heranças (des)coloniais. Curitiba: Appris, 2019.

TORQUATO, Cloris Porto; KONDO, Rosana Hass. Educação decolonial: *Opa!!! Não, essa escola tem que começar a ser diferente*. **Diadorim**, Rio de Janeiro, vol. 22, número 2, p. 62-86, 2020.

WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria. Colonialidade e pedagogia decolonial: para pensar uma educação outra. **Education Policy Analysis Archives**, [S.L.], v. 26, p. 83, 23 jul. 2018. Mary Lou Fulton Teacher College. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/3874>. Acesso em: 18 set. 2022.

VEGA, Antonio Paulo Valim; ROSA, Geraldo Antônio da. Crise nas humanidades: ruptura epistêmica e libertação. In: **XIII Encontro e diálogos com a Educação Ambiental**. EDEA-FURG. Rio Grande/RS: 2021.

VEGA, Antonio Paulo Vega; BECKER, Elsbeth Léia Spode; ALVES, Marcos Alexandre. Crise nas humanidades e pressupostos educacionais emergentes: cidadania consciente e sustentabilidade solidária. In: **Diálogos multidisciplinares**: ensino de humanidades e linguagens. VEGA, Antonio Paulo Vega; BECKER, Elsbeth Léia Spode (orgs.). Cruz Alta: Ilustração, 2021. p. 26-44.

Data da submissão: 10.09.22
Data de aceite: 29.11.22